



# O cortiço

**Aluísio Azevedo**

# Contexto sócio-político

- Teorias de nova interpretação da realidade: Positivismo, Determinismo, Socialismo Científico e Evolucionismo;
- No Brasil, campanha abolicionista a partir de 1850 que culmina com a Lei Áurea em 1888;
- Fundação do Partido Republicano nacional após a Guerra do Paraguai;
- Decadência da monarquia brasileira;
- Fim da mão-de-obra escrava e sua substituição por trabalho assalariado;
- Imigrantes europeus para a lavoura cafeeira;
- Economia mais voltada para o mercado externo, sem colonialismo.

# Status da profissão

## CAPÍTULO 2

“O rapaz chamava-se Henrique, tinha quinze anos e vinha terminar na corte alguns preparatórios que lhe faltavam para entrar na Academia de Medicina. Miranda hospedou-o no seu sobrado da Rua do Hospício, mas o estudante queixou-se, no fim de alguns dias, de que aí ficava mal acomodado, e o negociante, a quem não convinha desagradar-lhe, carregou com ele para a sua residência particular de Botafogo. Henrique era bonitinho, cheio de acanhamentos, com umas delicadezas de menina. Parecia muito cuidadoso dos seus estudos (...). De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa senão em companhia da família, deste. Dona Estela, no cabo de pouco tempo, mostrou por ele estima quase maternal e encarregou-se de tomar conta da sua mesada, mesada posta pelo negociante, visto que o Henriquinho tinha ordem franca do pai.”

## O que não fazer:

A preocupação com a carreira é algo que deve ser levada a sério conforme se vê no romance *O Cortiço* quando o Henrique é descrito da seguinte maneira “O rapaz chamava-se Henrique, tinha quinze anos e vinha terminar na corte alguns preparatórios que lhe faltavam para entrar na Academia de Medicina”. Desse modo, reflete-se que a causa para a desistência escolar nem sempre é combatida e, por isso, essas questões devem ser analisadas para combater sua origem.



# Importância dos Estudos

## CAPÍTULO 5

“Jerônimo, ainda na cidade nova, logo que principiara a ganhar melhor, fizera-se irmão de uma ordem terceira e tratara de ir pondo alguma coisinha de parte. Meteu a filha em um colégio, ‘que a queria com outro saber que não ele, a quem os pais não mandaram ensinar nada’.”

Além disso, cabe ressaltar que a carreira deve ser levada a sério, sobretudo por haver uma cobrança, seja pela pressão para alcançar um alto nível social, seja pelas cobranças pessoais em uma sociedade marcada pelo consumo. Essa preocupação perdura na cultura brasileira, tanto que ela já foi retratada, em pleno final do século XIX, no romance “O Cortiço”, em que o personagem Jerônimo reconhece o valor dos estudos e se esforça para que sua filha ingresse em um colégio, algo inédito para a época. Assim, pode-se entender que, para muitas famílias, estudar mostra-se como uma garantia de ascensão e, por isso, o Poder Público deve disponibilizar de mais instituições de ensino.



# Reforma prisional

“A morte do Firmo não vinha nunca a toldar-lhes o gozo da vida; quer ele, quer a amiga, achavam a coisa muito natural. ‘O facínora matara tanta gente; fizera tanta maldade; devia, pois, acabar como acabou! Nada mais justo! Se não fosse Jerônimo, seria outro! Ele assim o quis— bem feito!’.”

- CONECTIVO
- Alegação
  
- CONECTIVO
- Citação
  
- CONECTIVO
- Conclusão

- Além do mais,

cabe refletir sobre uma postura questionável da parte de alguns membros da sociedade, os quais não se intimidam em usar frases como “bandido bom é bandido morto”.

- Essa atitude

- se repete e constitui um retrógrado traço cultural já retratado no romance “O Cortiço”, cujo narrador aponta a naturalidade com que Rita Baiana e Jerônimo viram a morte de Firmo, declarando que “devia, pois, acabar como acabou! Nada mais justo”.

- Dessa forma,

- é preciso maior empenho para que o sistema prisional não seja promotor da naturalização da violência, mas venha realmente possibilitar uma mudança na forma de abordar a questão.

- Além do mais, cabe refletir sobre uma postura questionável da parte de alguns membros da sociedade, os quais não se intimidam em usar frases como “bandido bom é bandido morto”.
- Essa atitude se repete e constitui um retrógrado traço cultural já retratado no romance “O Cortiço”, cujo narrador aponta a naturalidade com que Rita Baiana e Jerônimo viram a morte de Firmo, declarando que “devia, pois, acabar como acabou! Nada mais justo”.
- Dessa forma, é preciso maior empenho para que o sistema prisional não seja promotor da naturalização da violência, mas venha realmente possibilitar uma mudança na forma de abordar a questão.

- Além do mais, cabe refletir sobre uma postura questionável da parte de alguns membros da sociedade, os quais não se intimidam em usar frases como “bandido bom é bandido morto”. Essa atitude se repete e constitui um retrógrado traço cultural já retratado no romance “O Cortiço”, cujo narrador aponta a naturalidade com que Rita Baiana e Jerônimo viram a morte de Firmo, declarando que “devia, pois, acabar como acabou! Nada mais justo”. Dessa forma, é preciso maior empenho para que o sistema prisional não seja promotor da naturalização da violência, mas venha realmente possibilitar uma mudança na forma de abordar a questão.

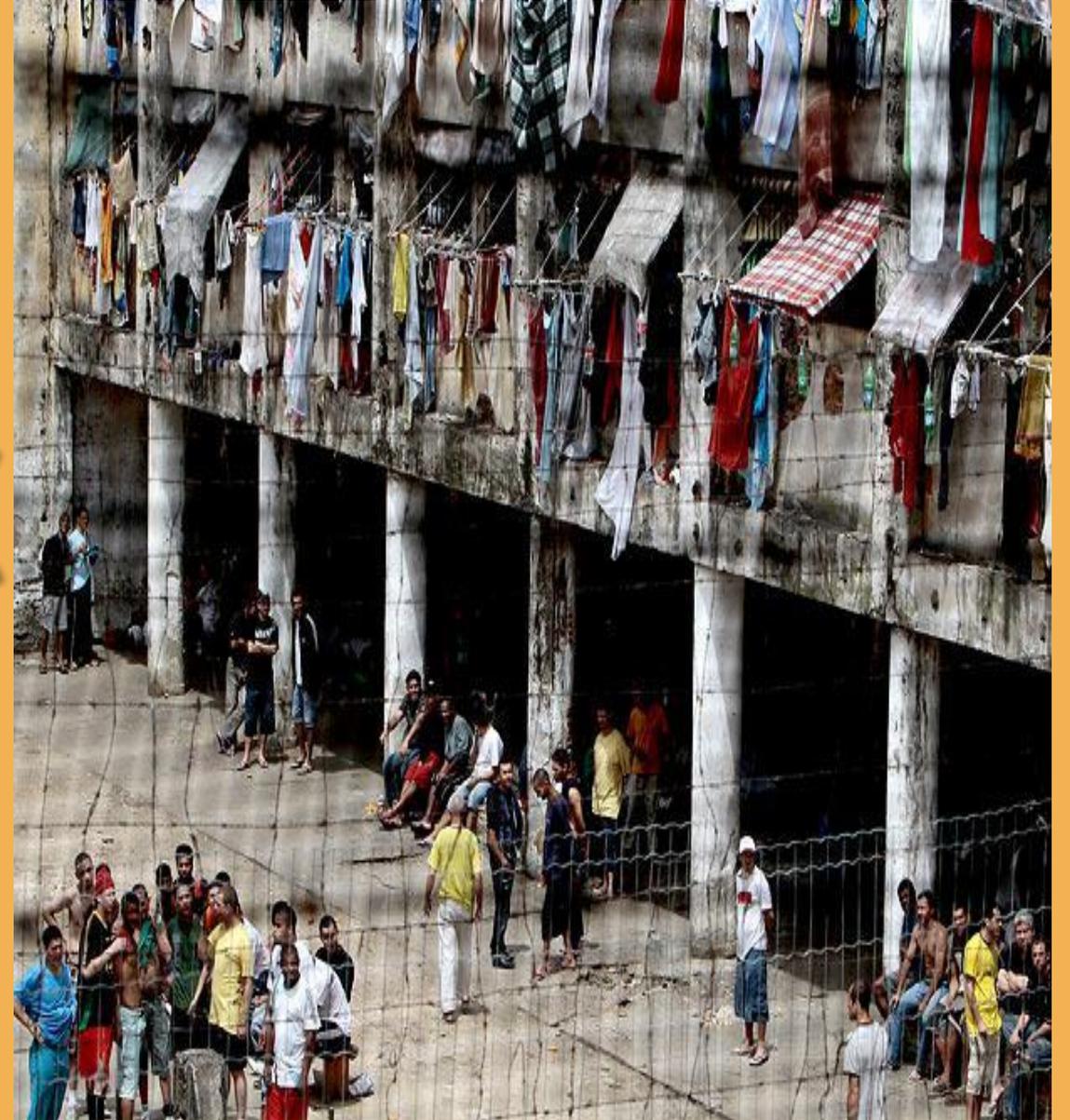


# Cortiço



X

# Presídio



# Moradia

## CAPÍTULO 20

“Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lampiões grandes simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras de água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins de quatro a oito palmos e os imensos depósitos de garrafas vazias. De cento e tantos, a numeração dos cômodos elevou-se a mais de quatrocentos; e tudo caiadinho e pintado de fresco; paredes brancas, portas verdes e goteiras encarnadas. Poucos lugares havia desocupados. Alguns moradores puseram plantas à porta e à janela, em meias tinas serradas ou em vasos de barro. Albino levou o seu capricho até à cortina de labirinto e chão forrado de esteira. A casa dele destacava-se das outras; era no andar de baixo, e cá de fora via-se-lhe o papel vermelho da sala, a mobília muito brunida, jarras de flores sobre a cômoda, um lavatório com espelho todo cercado de rosas artificiais, um oratório grande, resplandecente de palmas douradas e prateadas, toalhas de renda por toda a parte, num luxo de igreja, casquilho e defumado.”

# Gentrificação

E, como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o "Cabeça-de-Gato" e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se.

**Nessa perspectiva, vale lembrar que o mercado imobiliário no país não reconhece a precariedade de certas áreas e, mesmo naquelas mais afetadas pela falta de estrutura, ainda pesam os valores de aluguéis e dos imóveis. Nesse contexto, pode-se mencionar a obra O Cortiço, pois, de acordo com o narrador, as melhorias ali realizadas acabaram gerando um custo elevado para os moradores e, por consequência, foram afastados daquele lugar. Aliás, ressalte-se que esse processo de “gentrificação” faz com que os mais humildes sejam marginalizados, o que acentua as desigualdades sociais.**

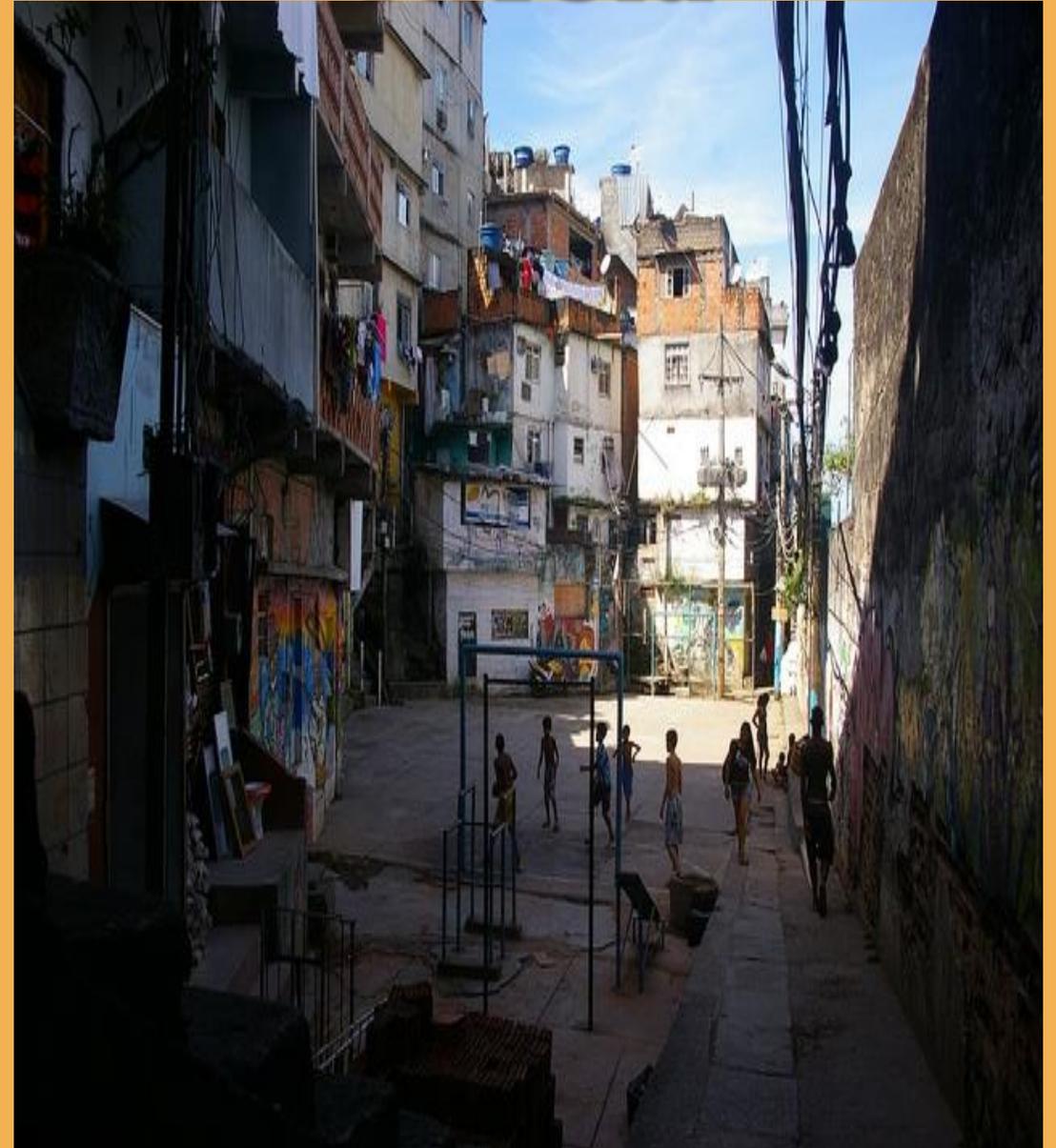


# Cortiço



X

# Favela



# Relações de poder

## CAPÍTULO X

“De cada casulo espipavam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se ficassem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez. Enquanto se tratava de uma simples luta entre dois rivais, estava direito! “Jogassem lá as cristas, que o mais homem ficaria com a mulher!” mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida.

— Não entra! Não entra! E berros atroadores respondiam às pranchadas, que lá fora se repetiam ferozes. A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho.”

# Relações de poder

## **CAPÍTULO XX**

“O ‘Cabeça-de-Gato’ estava vencido finalmente, vencido para sempre; nem já ninguém se animava a comparar as duas estalagens. À medida que a de João Romão prosperava daquele modo, a outra decaía de todo; raro era o dia em que a polícia não entrava lá e baldeava tudo aquilo a espadeirada de cego. Uma desmoralização completa!”

**No romance O Cortiço, do naturalista Aluísio Azevedo, ficam claras as relações de poder no episódio em que a polícia invade aquele local para cessar uma briga e, para tanto, usa de certa truculência. Nesse sentido, verifica-se que, desde o final do século XIX, não houve grande mudança no atendimento ao público, pois o poder concedido a essa instituição nem sempre atende aos limites da lei. Por essa razão é preciso que haja um empenho tanto dos entes públicos quanto dos privados para que os órgãos de proteção não se excedam no momento do cumprimento do dever.**





@profmoniquereis  
@suzanaluzredacao



Monique Reis  
•PROFESSORA DE PORTUGUÊS E REDAÇÃO•

**Bons  
estudos!!!**